

CONTEÚDO PARAPEDAGÓGICO E TRANSPOSIÇÃO DIDÁTICA EM AULAS DE CONSCIENCIOLGIA (PARAPEDAGOGIA)

Parapedagogic Content and Didactic Transposition in Conscientiology Classes

Júlio César Royer

RESUMO: Uma boa compreensão e uma boa preparação, ou adequação do conteúdo de aulas de Conscienciologia, frequentemente são os gargalos iniciais, fonte de insegurança para professorandos e professores iniciantes na docência conscienciológica. Este artigo apresenta algumas reflexões e orientações práticas para o estudo e preparação de conteúdo para as aulas de Conscienciologia, fruto da experiência docente e da participação no Curso para Formação de Professores de Conscienciologia, na Reaprendentia. **Palavras-chave:** conteúdo parapedagógico, docência, estudo, transposição didática.

ABSTRACT: A good understanding and a good preparation, or adequacy of the contents of Conscientiology classes, are often the initial bottlenecks, insecurity source for teachers-to-be and beginner teachers in conscientiological teaching. This article presents some reflections and practical guidelines for the study and preparation of content for classes of Conscientiology, the result of teaching experience and participation in the Conscientiology Teacher Training Course, at Reaprendentia.

Keywords: parapedagogic content; teaching; study; didactic transposition.

1. INTRODUÇÃO

Definição. O conteúdo parapedagógico é o conjunto de ideias, conceitos, constructos, itens de esclarecimento ou explicação assistencial utilizados na realização da tarefa, notadamente em aulas de Conscienciologia (ROYER, 2015).

Transposição. A transposição didática, segundo Chevallard (1998) apud Almeida (2011), é o trabalho de transformação do saber científico em saber ensinável, de modo a poder ocupar um lugar entre os objetos de ensino. Envolve a seleção, organização e adequação dos conteúdos de modo a se tornarem compreensíveis aos alunos.

Aula. Uma aula de Conscienciologia tem sempre objetivo assistencial terapêutico. Embora o conteúdo não seja o único elemento de uma boa aula, sem dúvida ele é necessário. **Não há aula sem conteúdo.** E se o conteúdo for de baixa qualidade, assim também tende a ser a qualidade da aula.

Mitos. Existem dois mitos a respeito da preparação de conteúdo para uma aula de Conscienciologia. O primeiro, de que é possível dar boas aulas sem dominar o conteúdo, apostando no parapsiquismo ou inspiração dos amparadores. A inspiração extrafísica é um fato, e funciona muito melhor se o professor conhece bem o assunto. É muito mais fácil para o amparador lembrar o professor de algo que ele já sabe do que transmitir algo totalmente novo. O que a experiência

mostra é que isto até pode acontecer, mas será sempre exceção, e não a regra. O segundo mito, e que também gera certa insegurança entre professores iniciantes é de que o professor precisa saber tudo a respeito do assunto. Pela própria natureza da ciência, que se expande e se atualiza com novas pesquisas, é impossível alguém saber tudo a respeito de um assunto. Há áreas em aberto, e mesmo em Conscienciologia, que é recente, é inviável acompanhar as pesquisas em todas as áreas.

Preparo. O conteúdo preparado tecnicamente é sempre melhor do que o conteúdo improvisado. É nessa etapa de preparação, a pré-aula, conforme abordada por Klein (2010), que se abre uma janela de oportunidades de interação com os amparadores para otimizar a organização da exposição do conteúdo visando a interassistência. Negligenciar isso é não dar valor ao amparo extrafísico.

Adequação. Por outro lado, é frequente a necessidade de adequação do conteúdo previamente preparado no decorrer da aula, seja em função de o público presente à aula ser diferente do público previsto para a aula, seja em função de demandas assistenciais não previstas.

Objetivo. Este artigo tem por objetivo discutir o estudo e a preparação do conteúdo para a aula, e trazer reflexões sobre a adequação do conteúdo previsto às necessidades dos alunos presentes.

Organização. O restante deste artigo está organizado da seguinte forma: a sessão 2 apresenta fontes e orientações básicas para o estudo e compreensão do conteúdo, a sessão 3 aborda a seleção de conteúdos, incluindo a definição de objetivos assistenciais a serem alcançados na aula, a sessão 4 traz algumas sugestões sobre a adequação do conteúdo ao público presente e a sessão 5 lista algumas evitações a serem consideradas pelo professor na preparação do conteúdo e durante a aula. Finalmente é apresentado um cotejo entre conteúdo parapedagógico ideal e evitável, seguido das considerações finais.

2. ESTUDO

Sequência. Em se tratando de aula de Conscienciologia, a sequência natural é em primeiro lugar o professor dominar o conteúdo, ou assunto, compreendê-lo para depois selecionar dentro desse conteúdo o recorte que será abordado em sala, e então fazer a adequação ao contexto previsto em sala. Em síntese, é preciso aprender antes, para depois ensinar.

Ciclo. O ciclo de qualificação da práxis parapedagógica (ALVES, 2011) traz o domínio do conteúdo como primeira etapa, seguido pela transposição didática, interação com o campo energético parapedagógico, fazer parapedagógico e interassistencialidade. Em geral o professor começa a aproveitar os aspectos multidimensionais da aula de Conscienciologia, ou seja, a partir da terceira etapa do ciclo, quando possui segurança íntima com relação ao domínio do conteúdo e de sua adequação e apresentação, as duas primeiras etapas do ciclo.

Retenção. Existem várias formas de aprendizado, com graus de retenção diferentes. É inteligente usar formas variadas para aprender, o que pode potencializar a retenção, uma vez que usamos diferentes mecanismos cognitivos cerebrais e paracerebrais. As pessoas também são diferentes entre si, e aprendem de maneiras diferentes, o que não impede de se pesquisar quais formas de aprendizado funcionam melhor para a maioria das pessoas.

Glasser. Um exemplo disso é a pesquisa publicada pelo psiquiatra americano William Glasser (1925 – 2013), segundo a qual, em média, conseguimos reter cerca de 10% do que lemos, 20%

do que ouvimos, 30% do que vemos, 50% do que vemos e ouvimos, 70% do que discutimos com os outros, 80% do que experimentamos pessoalmente e 90% do que praticamos e ensinamos a outras pessoas (GLASSER, 2001).

Ditado. Embora a fixação desses percentuais seja de difícil verificação e possa ser questionada, pois sofre variação significativa em função do contexto, do interesse pessoal e dos traços pessoais, entre outros fatores, em linhas gerais essa gradação parece fazer sentido, e corrobora o ditado popular “o professor é quem mais aprende”.

Elaboração. Uma hipótese para essa retenção maior observada quando se ensina algo é a necessidade de clarear e organizar os conceitos para si mesmo para conseguir repassar de maneira organizada. Isso exige um tempo de estudo, preparo, organização e redação, ou, resumidamente, a elaboração da aula.

Fontes. Entre as fontes de conteúdo parapedagógico cabe destacar:

1. Tratados conscienciológicos;
2. A Enciclopédia da Conscienciolgia;
3. Livros técnicos;
4. Artigos de revistas conscienciológicas;
5. Cosmograma pessoal: jornais, revistas, internet;
6. Anotações pessoais e materiais didáticos de cursos assistidos;
7. Tertúlias, minitertúlias, Círculo Mentalsomático;
8. Vivências pessoais e anotações de autopesquisa;
9. Debates com colegas, mesmo informais.

Rotina. Ninguém domina uma grande área de conhecimento de uma hora para outra. É necessário investir muitas horas de estudo, e no caso da Conscienciolgia, experimentações. Isso é otimizado quando a pessoa estabelece uma rotina de estudos, com objetivos, horários e espaço definidos, criando o espaço mental e o holopensene pessoal favorável.

Reflexão. É importante ressaltar a necessidade de refletir sobre os conceitos estudados, estabelecer as conexões com outros conceitos, suas implicações, repercussões, aplicações, clarear a diferença entre um conceito e outro, especialmente se são próximos.

Dúvidas. É natural surgirem dúvidas nesse processo. Pode-se buscar outras fontes, dormir e voltar ao tema no dia seguinte, conversar com alguém que conhece do assunto, buscar colocar em prática, ou mesmo, quando ainda persiste a dúvida, formular hipóteses pessoais ainda aguardando confirmações.

3. SELEÇÃO DE CONTEÚDO

Plano. Ao preparar um plano de aula sobre um determinado tema, usualmente não é possível esgotar o tema, nem mesmo trazer todo o conhecimento do professor sobre o tema. É necessário fazer um recorte dentro do conteúdo dominado pelo professor, selecionando os itens a serem abordados na aula.

Público. Um aspecto relevante e prioritário a ser levado em consideração antes de selecionar o conteúdo a ser abordado é a identificação do público alvo. Qual o perfil dos alunos? É uma aula no meio de um curso, a primeira aula de um curso modular, ou uma aula isolada? Quais suas necessidades identificadas? Quais conceitos esses alunos supostamente já conhecem?

Tempo. Um limitador importante na definição dos conteúdos a serem abordados é o tempo disponível da aula. O ritmo de apresentação do conteúdo deve ser adequado à capacidade de acompanhamento dos alunos, prevendo tempo para a participação dos alunos. Essa participação é essencial para o professor identificar melhor as demandas assistenciais da turma, perceber o nível de compreensão dos conceitos tratados em sala e fazer os ajustes necessários no decorrer da aula, visando à assistência tarística.

Objetivos. A definição dos objetivos de uma aula é uma etapa não trivial e frequentemente negligenciada, mas de grande importância na seleção de conteúdos e técnicas de ensino. Deve-se levar em consideração o perfil do público alvo e o tempo disponível.

Tares. A aula de Conscienciologia sempre objetiva a tares. Assim, os objetivos da aula não devem ser centrados na exposição do conteúdo, mas em propiciar alguma expansão cognitiva aos alunos.

Pergunta. Uma questão norteadora para a elaboração do objetivo é: “O que o aluno deverá ser capaz de fazer ao final da aula?”.

Bloon. Uma técnica para auxiliar a elaboração de conteúdos é a taxonomia de Bloon revisada, que enumera em um crescendo de complexidade, 6 categorias de domínio cognitivo (FERRAZ e BELHOT, 2010):

1. Lembrar: reconhecer e reproduzir ideias e conteúdos. Reconhecer implica em identificar determinada informação e reproduzir refere-se à busca de informação relevante memorizada.
2. Entender: estabelecer conexões entre o novo conhecimento e conhecimentos anteriores. Percebe-se isso quando o aluno consegue expressar o novo conhecimento com suas próprias palavras, consegue fazer comparações, resumir, explicar, classificar, exemplificar.
3. Aplicar: usar o conhecimento adquirido em uma situação nova, executar um procedimento específico, implementar.
4. Analisar: dividir a informação em partes relevantes e irrelevantes, importantes e menos importantes e entender a relação entre elas.
5. Avaliar: realizar julgamentos baseados em critérios e padrões qualitativos e quantitativos ou de eficiência e eficácia.
6. Criar: envolve o desenvolvimento de ideias novas e originais por meio da percepção da interdisciplinaridade e interdependência de conceitos.

Adequação. A definição dos objetivos a serem alcançados deve respeitar as limitações de tempo e de perfil dos alunos. Não é razoável esperar que após uma aula de 2 horas, a maioria dos alunos de uma turma seja capaz de criar algo novo (por exemplo, escrever um artigo) sobre um tema complexo (por exemplo o holossoma), com o qual eles estão tendo o primeiro contato. Mais razoável é esperar que eles consigam lembrar dos conceitos e compreendê-los. Já após um laboratório de técnicas energéticas pode-se esperar que os alunos sejam capazes de aplicar as técnicas abordadas, ou talvez analisar suas repercussões, dependendo da dinâmica conduzida durante o laboratório.

Seleção. Uma vez definidos os objetivos da aula, pode-se proceder à seleção dos conteúdos e técnicas de ensino com mais propriedade.

Interação. A seleção do conteúdo é uma etapa anterior à aula, e por mais que se conheça o perfil dos alunos, o nível de interação pode variar bastante, e o processo assistencial funciona

melhor se o professor adotar uma postura flexível de atender as demandas dos alunos, muitas vezes tornando inviável apresentar todo o conteúdo previsto para a aula. Por outro lado, se a interação for menor que a esperada, é útil o professor aproveitar o tempo com conteúdo relevante previamente preparado, uma espécie de reserva técnica.

Priorização. Uma dúvida frequente entre professores iniciantes é quanto conteúdo preparar para a aula, e como administrar a exposição do conteúdo levando em conta a interação da turma e o tempo disponível. Na falta de tempo para cumprir todo o conteúdo previsto, uma sugestão é fazer uma classificação dos itens quanto à sua prioridade, em 4 categorias:

1. **Essencial:** É o conteúdo sem o qual a compreensão razoável da aula fica comprometida. Abrange os itens fundamentais e compõe a *espinha dorsal* da aula.

2. **Importante:** São os tópicos complementares. Ajudam na compreensão e aprofundamento da aula. Entre os assuntos complementares escolhem-se os mais adequados ao contexto da aula. Nem todo conteúdo importante *precisa* ser apresentado na aula. Compõe o *recheio* da aula.

3. **Enriquecedor:** Inclui as curiosidades e itens ilustrativos, que enriquecem a aula, mas que não fazem falta para a compreensão geral do assunto da aula.

4. **Extra:** É o conteúdo extraordinário, não previsto para a aula, mas que possui conexão com o tema e é embasado pela polimatia do professor. Muito útil para atender a perguntas de alunos não previstas na preparação da aula e estabelecer o *rapport* necessário à assistência dos alunos com bagagem cultural diferente. Quanto maior o domínio do professor sobre o conteúdo, em geral mais tranquilo ele fica em sala, e maior tende a ser seu desprendimento em relação ao conteúdo preparado para atender às demandas dos alunos.

Critério. Dentro dessa classificação, a sugestão deste autor é os conteúdos essenciais e importantes ocuparem pelo menos 75% do tempo da aula.

4. ADEQUAÇÃO DE CONTEÚDO

Pré-aula. Além da seleção do conteúdo, a transposição didática também envolve a adequação do conteúdo para torna-lo *ensinável*. Na fase da preparação da aula, ainda levando em consideração o perfil esperado da turma, escolhem-se os recursos didáticos mais adequados para alcançar os objetivos da aula. Entre eles pode-se destacar: definição, sinônimos, antônimos, exemplos, características, relações com outros conceitos, cotejos / comparações / paralelos com conceitos similares, desenhos / gráficos / esquemas / imagens, analogias didáticas.

Durante. Durante a aula, geralmente são necessários outros ajustes sobre o conteúdo preparado. Almeida (2011) sugere uma sequência de passos para introduzir um conteúdo novo:

1. Resgatar o que os alunos já sabem sobre o assunto;
2. Ouvir tudo o que os alunos trazem, e fazer uma síntese;
3. Criar uma motivação, ou *gancho* capaz de unir os comentários ao novo conteúdo;
4. Apresentar o conteúdo proposto;
5. Observar os rostos, buscando indícios de possíveis não entendimentos da questão;
6. Tirar as eventuais dúvidas básicas de conceitos prévios necessários à compreensão do assunto, que muitas vezes o professor assume que os alunos já sabem, mas pode não estar claro para os alunos.

Interação. Fica clara nesta sequência a necessidade de estabelecer a interação com os alunos, fazendo a leitura atenta dos conhecimentos anteriores que eles trazem e verificando se há necessidade de complementar ou corrigir conceitos que servem de base para o que será apresentado.

Associação. Sobre esses conceitos é que será feita a associação com os novos conhecimentos, servindo de base para compreensão e retenção da nova informação. Essa associação também faz o aluno se sentir incluído e torna a aprendizagem significativa.

Linguagem. A interação e observação atenta das expressões usadas pelos alunos e expressões faciais indicando dúvidas pode apontar a necessidade de adequação da linguagem da exposição, buscando expressões e sinônimos acessíveis ao vocabulário dos alunos e a explicação de termos que possivelmente geraram dúvidas.

Demandas. Outra possível adaptação necessária durante o decorrer da aula é relativa às questões trazidas pelos alunos. Muitas vezes um assunto considerado secundário pelo professor, abordado em sala aciona uma dúvida importante para um aluno, que manifesta a dúvida. Pode ser o esclarecimento dessa dúvida que vai fazer uma grande diferença na vida deste aluno, ajudando-o na reciclagem da sua vida. A possibilidade de fazer perguntas diretas com liberdade de expressão é o principal diferencial de uma aula presencial em relação ao aprendizado em leituras de textos ou mesmo vídeos instrucionais. Não permitir ou aproveitar as manifestações de dúvidas para intervenções terapêuticas é uma grande perda de oportunidade interassistencial.

Tempo. Obviamente o atendimento a essas dúvidas toma tempo da aula. Aí entra o bom senso do professor na administração do tempo e na dosagem do conteúdo, levando em conta a priorização estabelecida.

5. EVITAÇÕES

Profilaxia. Tanto na preparação do conteúdo quanto durante a aula é relevante refletir sobre algumas evitações a serem levadas em conta pelo professor de Conscienciologia, a exemplo destas 9, extraídas do verbete Conteúdo Parapedagógico, da Enciclopédia da Conscienciologia (ROYER, 2015):

1. **Conflito.** Desacordo do professor com o conteúdo dos tratados, verbetes e livros, permanecendo em conflito íntimo com o tema, em oposição à condição ideal de identificar as ideias discordantes, pesquisar, refletir, debater com colegas, amadurecer e fundamentar seus posicionamentos docentes. Por exemplo, se discordar de um item do manual de apoio ao professor, pesquise antes para ver se o erro não é seu, debata com seus colegas professores, e se persistir da dúvida, fundamente e leve até os autores do manual, ajudando a melhorá-lo.

2. **Equívoco.** Compreensão incorreta do conteúdo pelo professor, levando a abordagens equivocadas.

3. **Evasiva.** Mudança de assunto e desvio de foco, quando o professor quer evitar certos temas, ou quando o aluno se sente encantado pela linha de raciocínio conduzida pelo professor, evitando o aprofundamento. Pode ser simples, quando envolve só a conscin, ou composta, quando envolve influência de consciex sobre a conscin.

4. **Irreflexão.** Conteúdo aceito sem reflexão pelo professor, levando-o a dificuldades em responder os porquês e ao uso de argumentos de poder, do tipo *porque está escrito em tal tratado*.

5. **Lacuna.** Ideias incompletas, faltando a compreensão de algumas partes pelo professor.
6. **Omissão.** Supressão de determinado assunto necessário, pela incompreensão, por receio, esquecimento mau gerenciamento do *timing* pelo professor.
7. **Sobrecarga.** Excesso de informação para o nível de compreensão dos alunos, deixando de ser assistencial para promover estupro evolutivo.
8. **Subjacência.** Intenção consciente ou inconsciente de trazer um assunto específico para fragilizar alguém ou mostrar sapiência, em detrimento da demanda assistencial da turma.
9. **Superficialidade.** Abordagem superficial do assunto, seja pela falta de compreensão ou por mau gerenciamento do *timing* pelo docente.
- Cotejo.** A tabela 1 apresenta, em ordem alfabética, 15 confrontos entre as condições preferíveis ou ideais e condições evitáveis ou não ideais, com relação ao conteúdo parapedagógico, também extraída do verbete Conteúdo Parapedagógico (ROYER, 2015).

Tabela 1 – Cotejo Conteúdo Parapedagógico Ideal / Evitável

N ^{os}	Conteúdo Parapedagógico Ideal	Conteúdo Parapedagógico Evitável
01.	Adequado	Deslocado
02.	Atualizado	Desatualizado
03.	Científico: racional	Artístico: emocional
04.	Coeso	Desconexo
05.	Contextualizado	Fora de contexto
06.	Erudito	Primário: simplista
07.	Exemplificado	Sem exemplos
08.	Objetivo: direto	Prolixo
09.	Organizado	Desorganizado
10.	Preciso: sem margem a dúvidas	Confuso: ambíguo
11.	Questionador: instigante	Dogmático: respostas prontas
12.	Relevante: útil	Irrelevante: inútil
13.	Tecnicamente preparado	Improvisado
14.	Vivenciado: teático	Teórico
15.	Voltado à necessidade do aluno	Voltado a qualquer outro objetivo

CONCLUSÃO

Complexidade. São muitos os aspectos que podem qualificar o conteúdo parapedagógico a ser utilizado em uma aula de Conscienciologia. Tudo começa com a compreensão do conteúdo, que já é complexa. Quando acrescentamos a complexidade dos microuniversos conscienciais dos alunos e as demais variáveis de uma aula, a complexidade aumenta.

Facetas. Longe de buscar a impraticável perfeição, este artigo foi escrito com a intenção de discutir facetas do estudo do conteúdo e da transposição didática e servir de subsídios para aprimorar a interassistência em sala de aula por meio da qualificação do conteúdo apresentado.

Reflexões. São apresentadas algumas reflexões sobre a importância de se qualificar o conteúdo parapedagógico, técnicas para auxiliar a adequação do conteúdo ao público previsto e ao público presente, bem como evitações a serem levadas em consideração.

REFERÊNCIAS

1. ALMEIDA, Geraldo Peçanha de; *Transposição Didática – Por onde começar?*; 2ª Edição, Editora Cortez; São Paulo, SP; 72 páginas.
2. ALVES, Hegrison; *Parepistemologia da práxis parapedagógica*; Revista de Parapedagogia; Vol. 1; N.1; páginas 3 a 22; Foz do Iguaçu, PR; 2011.
3. CHEVALLARD, Ives; *La Transposición Didáctica: del saber sabio al saber enseñado*; Aique; Buenos Aires; 1991.
4. FERRAZ, Ana Paula do Carmo Marcheti; BELHOT, Renato Vairo; *Taxonomia de Bloom: revisão teórica e apresentação das adequações do instrumento para definição de objetivos instrucionais*; Gestão e Produção; revista; trimestral; Vol. 17; N. 2, páginas 214 a 431; São Carlos, SP; 2010.
5. GLASSER, William; *Teoria da Escolha: uma nova psicologia da liberdade pessoal*; Mercuryo, 2001.
6. KLEIN, William; *Aspectos da Pré-aula de Conscienciologia*; Conscientia; revista; trimestral; Vol. 14; N. 4; Foz do Iguaçu, PR; 2010; páginas 480 a 487.
7. ROYER, Júlio César; *Conteúdo Parapedagógico*; In: Vieira, Waldo; *Enciclopédia da Conscienciologia*; Disponível em <http://www.tertuliaconscienciologia.org/index.php?option=com_docman&task=doc_download&gid=3265&&Itemid=13>. Acesso em 14/03/2015.

Júlio César Royer é Bacharel em ciências da computação, mestre em ciências da computação, doutorando em métodos numéricos em engenharia, professor de informática, voluntário da Conscienciologia desde 1994, atualmente voluntário da Reaprendentia, professor de Conscienciologia desde 1996, tenepessista, verbetógrafo da Enciclopédia da Conscienciologia. julioroyer@gmail.com